**RESUMO**

*A adolescência* (2000) – Contardo Calligaris (1948-2021).

## Introdução

Nada garante que a adolescência passe. O adolescente está em uma luta com a adolescência na qual não sabe se sairá vivo. É uma inimiga sustentada pela imaginação coletiva, uma formação cultural moderna importantíssima. “Objeto de inveja e de medo, ela dá forma aos sonhos de liberdade ou de evasão dos adultos, e, ao mesmo tempo, a seus pesadelos de violência e desordem” (CALLIGARIS, 2000, p. 9).

Objetivo do livro: explicar como o culto da adolescência afeta nossa contemporaneidade.

## **Capítulo 1** – *Elementos de definição*

A adolescência como moratória

moratória

*substantivo feminino*

1. DIREITO
dilação do prazo de quitação de uma dívida, concedida pelo credor ao devedor para que este possa cumprir a obrigação além do dia do vencimento.
2. DIREITO • POLÍTICA
disposição legal que prevê a suspensão dos pagamentos devidos a credores internacionais, quando um país se encontra em circunstâncias excepcionais, como guerra, grande calamidade, grave crise econômica etc.

Origem

ETIM(1446) latim *moratorĭa,ae*, fem.substv. de *moratorĭus,a,um* 'que retarda, dilatório'

Os campos que o ideário coletivo prega como próprios da vida adulta são: “as relações amorosas/sexuais e o poder (ou melhor, a potência) no campo produtivo, financeiro e social” (CALLIGARIS, 2000, p. 14). São em tais campos que emergem as qualidades de um(a) adulto(a) como invejável ou desejável. Os (As) adolescentes logo se dão conta de que seus corpos amadurecidos não bastam para serem reconhecidos como adultos, assim, desvalorizados como pessoas jovens, fica subentendida a moratória dos adultos para com os (as) adolescentes que têm postergada a realização dos valores pregados pelo ideário coletivo de vida adulta.

A adolescência como reação e rebeldia

A moratória deixa os adolescentes inquietos e angustiados a respeito da conquista por independência e emancipação, valor moderno maior da vida adulta. Há uma pretensa justificativa sobre uma falta de maturidade do jovem. Este identifica a contradição entre o ideal de autonomia e a moratória que o desqualifica.

Adolescência idealizada

Há uma idealização coletiva da adolescência como uma fase feliz. Ora, como isso é possível se considerada a moratória mal justificada e imposta somadas à duração indeterminada de tal fase?

Duração da adolescência

Há um consenso biológico sobre o começo da adolescência: a puberdade – maturação dos órgãos sexuais. É uma leitura naturalista sobre “as complicações sociais e subjetivas produzidas pela invenção da moratória” (CALLIGARIS, 2000, p. 19). É fato que a puberdade acarreta mudanças cruciais em termos fisiológicos e de uma imagética de si.

O problema, todavia, é que não sabemos exatamente quando a adolescência termina. Daí a relevância, em sociedades ditas elementares, dos ritos de iniciação. Esses, por mais duros que sejam, Calligaris (2000) os caracteriza como menos cruéis do que a moratória moderna. Também não há definição moderna e ocidental a respeito do que significa ser adulto. O que fica subentendido: “adulto é quem consegue ser desejável e invejável” (CALLIGARIS, 2000, p. 20).

## **Capítulo 2** – *“O que eles esperam de mim?”*

Insegurança

O desenvolvimento corporal acarretado pela puberdade é invasivo para com o momento de alguém que até então vivia a infância. “Talvez haja maturação, lhe dizem, mas ainda não é maturidade. Por consequência, ele não é mais nada, nem criança amada, nem adulto reconhecido” (CALLIGARIS, 2000, p. 24).

A nossa imagem especular é constituída pelo que os outros assumem sobre nós mesmos. “Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio” (CALLIGARIS, 2000, p. 25). Daí a insegurança ser uma característica crucial da adolescência.

## Interpretar os adultos

O que os (as) adultos(as) querem do(a) adolescente? Eis uma questão que inclina adolescentes a interpretarem o desejo inconsciente dos adultos que demandam uma autonomia recusada ao (à) jovem. Tal emancipação – imbuída de altas expectativas e aspirações – seria uma exigência contraditória justamente porque, segundo a moratória imposta, o sucesso e a vida amorosa são questões às pessoas mais preparadas, logo, adultas.

O resultado é que os adolescentes fazem interpretações demasiadamente afinadas com relação ao desejo inconsciente de adultos. Porém, tais desejos estão reprimidos entre adultos que suprimem suas fantasias de transgressões a fim de viverem o conformismo social. É possível, afirma Calligaris (2000), que adolescentes interpretem a seguinte mensagem provinda de adultos: “faça o que desejo, não o que eu peço”. Eis o paradoxo cultural: obedecer é desobedecer e desobedecer é obedecer. A conclusão de adolescentes é clara: os (as) adultos(as) são fracos e hipócritas ao não assumirem seus desejos diretamente e exigirem uma moratória, ao mesmo tempo, a revolta que os (as) adultos(as) sentem com relação ao conformismo seria delegada por eles aos jovens.

## **Capítulo 3** – *“Como conseguir que me reconheçam e admitam como adulto?”*

A finalidade da adolescência é servir de passagem para a vida adulta, o que não significa que a travessia ou o reconhecimento sejam certos.

> Se o imperativo cultural dominante é “Desobedece!”, “Prova tua autonomia!”, então desobedecer pode ser uma maneira de obedecer. E obedecer, quem sabe, talvez seja o jeito certo de não se conformar.
> (...)
> O fato é que a adolescência é uma interpretação de sonhos adultos, produzida por uma moratória que força o adolescente a tentar descobrir o que os adultos querem dele. (...) As condutas adolescentes, em suma, são tão variadas quanto os sonhos e os desejo reprimidos dos adultos. Por isso elas parecem (e talvez sejam) todas transgressoras. No mínimo transgridem a vontade explícita dos adultos (CALLIGARIS, 2000, p. 32-33)

A tentativa de integração, portanto, passa a ser uma marginalização. É concebida no prisma do adulto como patologia do social ou psíquica, afinal, ameaçam o *status quo* das supostas estruturas pacificadas; como a família, por exemplo. Mas, se a adolescência for mesmo uma patologia, que fique claro: “ela é então uma patologia dos desejos de rebeldia reprimidos pelos adultos” (CALLIGARIS, 2000, p. 34). “O erro dos adolescentes (erro em relação a sua própria estratégia) é pensar que para os adultos possa ser agradável encontrar uma encenação de seu próprio recalque[1]” (CALLIGARIS, 2000, p. 41).

Calligaris (2000) identifica cinco (5) imagens que servem de linhas para a organização do comportamento adolescente. Tal tipologia atravessa os sonhos e pesadelos dos adultos, podendo também assumir a forma de uma vingança com relação ao desejo do adulto (espantalho). São os tipos imagéticos de linhas do comportamento adolescente: gregário, delinquente, toxicômano, propositalmente feio e barulhento.

---

[1] Por “recalque”, Calligaris (2000) entende um desejo inconsciente que, em maior ou menor grau, o adulto não reconhece como seu, mas que o porta. Exemplo: descumprir com suas responsabilidades a fim de passar um dia ocioso ou cometer certos atos ilícitos.

O adolescente gregário procura condições sociais à sua admissão como cidadão. Transformando a sua faixa etária em uma estratificação social que exclua a população adulta ao mesmo tempo que exclui os (as) próprios(as) adolescente da forma família. Esses grupos de troca são tidos como patológicos pelos(as) adultos(as) que os consideram como perigosos ou anormais à hierarquia familiar. O sujeito adulto esperava que os (as) jovens o tivesse como modelo ideal, assim, fica frustrado quando assiste a juventude se espelhando em si mesma. Essa é a transgressão do tipo imagético gregário. "Quanto mais o comportamento foi transgressor, tanto mais fácil será o reconhecimento: a transgressão demonstra afastamento dos adultos, adesão e fidelidade ao grupo" (CALLIGARIS, 2000, p. 38).

O (A) adolescente delinquente se exalta e comete a transgressão a partir da palavra ignorada. É pelo não reconhecimento dos(as) adultos(as) com relação à autonomia adolescente que Calligaris (2000) caracteriza como vocação da adolescência a delinquência. Assim, o (a) jovem mantido afastado de sua cidadania graças à moratória encontra nos meios ilícitos a obtenção do prestígio social – que em nossa sociedade geralmente se traduz como sucesso financeiro – através do medo que causa no adulto. "O medo é o equivalente físico, real, do que o respeito seria simbolicamente" (CALLIGARIS, 2000, p. 44).

O adolescente toxicômano é aquele que para a visão dos adultos seria mais preocupante, isso porque, em primeiro lugar, a droga paralisaria o deslocamento do desejo por reconhecimento em troca de uma satisfação embrutecida e subversiva. Calligaris (2000) identifica a origem da toxicomania dos adolescentes dos anos 2000 na geração de jovens dos anos 1970 e 1980, quando o uso de drogas era associado aos ideais revolucionários e libertários. A própria proibição do uso de entorpecentes lícitos é sentida pelo adolescente como infantilização da moratória imposta[2], bem como a ilicitude de outras drogas pode garantir um charme, novos grupos de troca e

[2] Obviamente que o cuidado que infantiliza é melhor do que descaso para a saúde dos jovens.

uma belíssima acusação à hipocrisia da moratória importa já que o tráfico de drogas configura um mercado relevante. Outra possibilidade é que o uso de drogas seja para o adolescente uma forma de forçar os adultos a reconhecerem que seus problemas são reais e que necessita de ajuda.

O adolescente que se enfeia desafia os cânones estéticos estabelecidos por adultos. Ele reproduz a estética própria de seus grupos de troca que estão excluídos dos padrões adultos. É possível que tal subversão estética seja uma forma de rejeitar a sexualidade ao criticar "o sistema que valoriza a desejabilidade dos corpos como razão do reconhecimento social" (CALLIGARIS, 2000, p. 50), ou então que seja uma manobra da pessoa adolescente para evitar um encontro sexual real e deixar subentendido que não deseja tal possibilidade. Calligaris (2000) aponta que a feiura em si é um exibicionismo transgressor que procura abalar os adultos para provocar neles uma impressão ambígua de periculosidade e sexualidade.

O último tipo imagético de linha do comportamento adolescente é o do barulhento. Adultos consideram adolescentes pessoas barulhentas. O adolescente barulhento intensifica o volume de sua voz e, também, o da música que escuta. "O recado é claro: ou te ensurdeço ou não te ouço" (CALLIGARIS, 2000, p. 52).

Em todos os tipos imagéticos de linhas do comportamento adolescente o elemento transgressor é adaptado à cultura que transforma tais comportamentos até mesmo em algo invejável e desejável.

## **Capítulo 4** – *A adolescência como ideal cultural*

Escolhas adolescentes são, em sua maioria, a realização dos sonhos de adultos. Estes sentem dificuldade em articular o necessário para que alguém possa ser reconhecido como adulto. Até mesmo a indisposição de alguns adolescentes para serem

reconhecidos como adultos é sedutora para os mais velhos, a quem a indiferença jovial reflete o desejo por “férias ou à tentação de cair fora” (CALLIGARIS, 2000, p. 57). Assim, por um lado a adolescência é lugar límbico de exclusão, por outro lado ela encena o desejo por liberdade (ideal cultural). A tentativa de dispensar a tutela dos adultos já é uma subversão que remonta a um objetivo moderno muito claro de emancipação individual.

O elemento subversivo dos adolescentes é facilmente modelado para corresponder a um padrão de consumo que identifica nos grupos de jovens uma população importante ao mercado. Adolescentes que buscam amparo em grupos de troca que reagem à moratória terminam por serem público-alvo do *marketing*.

Surgem as questões: será que os adultos modernos precisam da adolescência como ideal cultural? Seriam a moratória e a rebeldia os elementos que encenam o ideal sociocultural de liberdade individual? “Se a adolescência não existisse, os adultos modernos a inventariam, tanto ela é necessária ao bom desempenho psíquico deles” (CALLIGARIS, 2000, p. 60).

## Da invenção da infância à época da adolescência

Em quais circunstância e como a moratória que produziu a adolescência surgiu na modernidade? Fazem setenta (70) anos que a adolescência é um fato social reconhecido, um estado de espírito e um ideal da cultura. Phillipe Ariès toma a infância como invenção moderna que serve como objeto de preocupações, meditações, planos e projetos. Isso parece ter sido herdado pela adolescência. Calligaris (2000) quer checar como a perspectiva da infância surge com a modernidade no século XIII e se consolida no século XVIII. Afinal, sua tese é a de que foi o individualismo moderno que consolidou a perspectiva atual sobre a infância.

Sociedades tradicionais têm a comunidade como depositária da continuidade da vida. As sociedades modernas têm a experiência individual como perspectiva sobre a morte. A modernidade tornou o

peso da emancipação como algo que cada um deve carregar por si só, assim, a família foi a única comunidade que sobreviveu; ganhando importância central. A instituição familiar é a porta-voz do duplo vínculo moderno que exige obediência em nome do amor, mas que demanda por uma emancipação com relação à própria família.

Uma razão para que o individualismo moderno tenha inventado a infância é a consolação que a criança, como promessa, representa ao futuro. O adulto vive permanentemente insatisfeito. Sua insatisfação é um elemento produtivo importante ao capitalismo. Adultos modernos amam crianças porque elas expandem o sentido da vida para além da sobrevivência individual, assim como são (as crianças) a esperança por revezamento na divisão social do trabalho.

A idealização dos adultos com relação à infância as priva de duas (2) fontes importantes de inquietação: a sexualidade e o capital. Seria a idade de outro da infância o nosso único direito de nascença? Calligaris (2000) afirma que nem isso. O autor considera a infância como uma representação da insatisfação constitutiva dos adultos, ou seja, um consolo ao nosso *modus vivendi*.

O estereótipo da idade de outro é contraposto ao imperativo de que elas devem ser preparadas para superarem a geração anterior. Daí a ambiguidade do tratamento moderno às crianças: superproteção e violência. Contradições pedagógicas derivam dessa ambiguidade. Conclusão: a adolescência deriva de uma infância moderna no que diz respeito ao preparo para o futuro e à tarefa do impossível sucesso.

## A época da adolescência

A idade de ouro está se estendendo, daí a adolescência. O deslocamento do enfoque da infância para a adolescência ocorreu porque o espetáculo da felicidade adolescente é mais gratificante ao adulto.

> A visões de infância e adolescência se opõem como um erotismo alusivo se põe à pornografia. Olhamos para a infância como promessa. Procuramos na visão da adolescência o clipe de nossos gozos: “Nossa, se pudéssemos

> de verdade tirar férias de um jeito que nem adolescente consegue!” (CALLIGARIS, 2000, p. 69)

A infância é um ideal comparativo, a adolescência é um ideal identificatório. Isso porque adultos provavelmente não gostaria de voltar a serem crianças, mas poderiam adorar retornar à adolescência. Adultos idealizam a adolescência pela satisfação imediata, já a infância seria pela promessa consoladora.

> A adolescência é o ideal coletivo que espreita qualquer cultura que recusa a tradição e idealiza a liberdade, independência, insubordinação etc. O Estados Unidos foram aqui a vanguarda do Ocidente moderno (CALLIGARIS, 2000, p. 73)

Disso resulta que se tornar adulto não resulta em promoção, mas numa inadequação ao próprio ideal cultural dos adultos: a adolescência. “Moral da história: o dever dos jovens é envelhecer. Suma sabedoria. Mas o que acontece quando a aspiração dos adultos é manifestadamente a de rejuvenescer?” (CALLIGARIS, 2000, p. 74).

**Referências**

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2000.